

Wendel Henrique Baumgartner

Professor Associado I, Universidade Federal da Bahia (UFBA)/Departamento de Geografia/
Instituto de Geociências (IGEO)
wendelh@ufba.br

Universidades públicas como agentes de desenvolvimento urbano e regional de cidades médias e pequenas: uma discussão teórica, metodológica e empírica

Resumo

As universidades apresentam um importante papel social na promoção do desenvolvimento social, cultural e econômico. Em diversos países sua instalação está ligada também ao desenvolvimento urbano e regional, especialmente de cidades médias e pequenas, promovendo, com relativo sucesso, a modernização da estrutura urbana e econômica dessas cidades. A base empírica desse estudo são as cidades sede dos campi da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (instalados em 2006) e Passau (Baviera/Alemanha), sede da Universidade de Passau, desde 1978. Nosso objetivo é propor uma abordagem metodológica que dê suporte para pesquisas focadas na integração, na fragmentação e nos conflitos entre a cidade da população local e aquela das universidades. Nossas conclusões principais indicam uma grande dinamização do mercado imobiliário, diversificação das atividades comerciais e de serviços, ampliação do papel regional, mas também, do ponto de vista social, conexões fracas e pontuais com a cidade, gerando conflitos entre estudantes/professores e a população local.

Palavras-chave: Universidades, desenvolvimento urbano e regional, cidades pequenas, cidades médias.

Abstract

PUBLIC UNIVERSITIES AS AGENTS IN URBAN AND REGIONAL DEVELOPMENT OF MEDIUM AND SMALL-SIZED CITIES: A THEORETICAL, METHODOLOGICAL AND EMPIRICAL APPROACH

The universities have an important role in our society to promote social, cultural and economical development. In many countries universities has been installed

in small and medium-sized cities since the 70's to promote the development and 'modernization'. Some of them are very successful and the economical development is visible and unquestionable. Our empirical study focuses the cities of the Federal University of Reconcavo da Bahia (installed in 2006) and Passau/Bavaria/Germany (University of Passau, installed in 1978). Our goal is to propose methodological approach to support a research based on the integration, fragmentation and conflicts between the city of the local population and city of the Universities. Our major conclusions are connected with the increase of the real estate market, diversification of commercial and service activities, intensification of regional role. From the social point of view, however, there are weak and punctual connections with the cities, promoting spatial and cultural conflicts between the students/professor and the local population.

Key-words: Universities, urban and regional development, small-sized cities, medium-sized cities.

1. Introdução

Rosalind Greenstein (2005), analisando as mudanças estruturais das cidades, no tocante à base econômica das mesmas, coloca que muitas plantas industriais deixaram as cidades; bancos ou lojas locais/regionais foram substituídos por cadeias de lojas nacionais/internacionais; e os novos subúrbios crescem mais rápido que as áreas urbanas consolidadas. Nesse contexto de grande dinâmica, com substituições de estruturas produtivas, perfis econômicos e integração a níveis mais ampliados da reprodução do capital, cidades universitárias tendem a ser mais estáveis economicamente, uma vez que as universidades raramente abandonam as cidades, especialmente as que possuem campi urbanos, ou seja, aqueles localizados nas áreas centrais ou incorporadas ao tecido urbano. A compreensão do papel das universidades como agentes da (re)estruturação urbana e das cidades torna-se importante, tanto em razão do volume de recursos financeiros movimentados, quanto pela modificação de dinâmicas intraurbanas (moradia, circulação, usos etc.) e do cotidiano dos moradores.

Desde os anos de 1960, primeiramente na Europa e nos Estados Unidos e, posteriormente, no Brasil, o Estado passa a compreender a instalação de universidades e/ou campus de instituições novas e/ou já existentes como uma estratégia de desenvolvimento urbano e regional de áreas economicamente deprimidas e/ou degradadas do ponto de vista

da morfologia/da qualificação do espaço urbano. Nessa ação do Estado, constatamos uma forte expansão das instituições de educação superior, a maior parte delas públicas, para cidades médias e pequenas de vários países. É claro que também observamos a ação do Estado na viabilização de instituições privadas vinculadas ao ensino superior, notadamente faculdades e centros universitários.

Especificamente, trabalhamos os aspectos da implantação de uma universidade ou campus de uma universidade pública que afetam as dinâmicas urbanas e regionais de cidades médias e pequenas, dentro de uma estratégia estatal de promoção do desenvolvimento urbano e regional. Os estudos empíricos estão vinculados a outros sobre o recente processo de expansão das universidades federais no estado da Bahia e o mesmo processo na cidade alemã de Passau, sede da Universität Passau, implantada em 1978, pelo governo do estado da Baviera. Como foram trabalhadas diversas universidades em realidades espaciais também distintas, o objetivo foi o de compreender os processos espaciais intraurbanos e regionais, em estágios diferentes, mas vinculados à mesma estratégia de desenvolvimento urbano e regional, a partir da instalação destas instituições pelo poder público.

Desta forma, esse não é um estudo comparativo entre as dinâmicas espaciais urbanas e regionais encontradas nas cidades da Bahia ou da Bavária. Entretanto, os processos desencadeados ou intensificados pela presença das universidades, tanto na realidade alemã quanto na brasileira, são similares, mas com intensidades e grau de “maturidade” diferenciados.

Assim, o estudo busca compreender como os mesmos processos, que pela análise da literatura agem no plano mundial, se materializam no espaço urbano e regional, tomando como foco um grupo de cidades baianas onde o processo ainda se encontra em seu início e outra cidade alemã onde os processos já estão incorporados à dinâmica urbana e regional. Como resultado, também apresentamos uma proposição metodológica para a realização de estudos nessa temática.

2. As cidades e suas universidades. História e desenvolvimento

As universidades, segundo Wusten (1998), são instituições centrais para a sociedade ocidental, promovendo o avanço do conhecimento, a liberdade de pensamento e também o desenvolvimento da educação, da ciência e da tecnologia. Acrescentamos ainda que as Universidades contribuem para o desenvolvimento (econômico, político e cultural) urbano e regional, dinamizando cidades, suas bases econômicas, sua morfologia e mesmo suas imagens na rede urbana global.

As histórias das universidades e de muitas cidades caminham juntas, desde a criação das primeiras universidades nas cidades medievais europeias, geralmente cidades médias e pequenas que não eram capitais ou grandes centros comerciais/religiosos. Até hoje, por exemplo, Bologna, Coimbra, Heidelberg, Salamanca e Oxford são conhecidas por suas universidades. É importante mencionar que a maioria das grandes universidades do mundo carrega o nome da cidade onde se localiza.

Já no século XIX, para fortalecer as identidades nacionais, várias universidades denominadas “nacionais” foram criadas nas capitais de diversos países e ganharam uma forte intervenção e aporte financeiro estatal para prover e promover as bases educacionais, culturais e políticas da Nação. Isto não significou a perda da importância das universidades europeias fora das capitais, mas sim a emergência de outras formas de organização. Enquanto umas passaram a ser a instituição nacional, outras se focaram mais em aspectos locais e regionais, ou, mesmo permanecendo livres destes vínculos, direcionaram-se apenas para a construção do conhecimento e do debate das ideias. Hoje, a este panorama universitário, outras instituições alcançam escalas superiores, superando o conceito de universidade nacional, dedicando-se a uma atuação mundial, como Harvard, por exemplo, conforme Wusten (1998).

Em cidades médias e pequenas a influência econômica, política e cultural das universidades é mais visível do que nos núcleos urbanos maiores. Na grande cidade a diversificação econômica torna o aporte financeiro direto e indireto da universidade diluído pelo próprio dinamismo urbano. Esta ideia segue em direção ao que Wusten (1998) escreve quando afirma que as universidades fazem a diferença onde se localizam, quer seja na

cidade ou fora dela (campus fora da área urbana). É importante reconhecer que em cidades grandes a influência é minimizada por sua própria dinâmica, mas uma universidade maior pode dominar completamente o espaço urbano de uma pequena cidade.

Outra característica até então marcante no diferencial geográfico entre universidades localizadas em cidades de diferentes portes estava vinculada ao acesso à informação e, principalmente, ao contato com o exterior/mundo, que ainda era privilégio das universidades localizadas em grandes centros. Atualmente, com a expansão das redes de informação (fibras óticas e satélites), autoestradas e aeroportos, esta diferenciação baseada na dotação de infraestruturas de transporte e comunicação foi minimizada. É claro que não foi completamente superada, pois geralmente o tempo de deslocamento e as conexões, quando tratamos de transporte aéreo, por exemplo, é maior para aqueles que têm como ponto de origem e/ou destino cidades menores.

Bender (1998), comparando a localização diferenciada dos campi universitários em cidades americanas e europeias, que poderia ser desdobrada para a diversidade locacional na rede urbana, demonstra um receio: o perigo da suburbanização do intelecto. Entretanto, compreendemos que a chamada “suburbanização” não seria uma determinação espacial, ou seja, não é porque um campus está localizado no subúrbio ou na periferia de uma cidade, ou ainda em uma cidade pequena, que o conhecimento produzido nesse centro será menos universal, ou de conexão inferior com o mundo.

Apesar de suas críticas, o próprio Bender (1998) reconhece que não basta a universidade estar na cidade, ela precisa ser da cidade. Entretanto, a opção por campi suburbanos/periféricos é uma tendência, principalmente para as universidades mais contemporâneas, fundadas no século XX, ou para aquelas que passam por forte processo de crescimento e demandam novas áreas de expansão. A opção pela transferência dos campi para fora da cidade, ou para aquilo que se chama “Cidade Universitária”, é fortemente influenciada pelo zoneamento funcionalista e mesmo pelas ideias de “saída” da cidade real e criação do “oásis ou refugio acadêmico”.

Em muitos casos, a criação destas cidades universitárias ou dos campi suburbanos/periféricos leva a uma expansão da própria cidade em

direção ao Campus, em função do poder de atração das universidades. Essa expansão e esse crescimento das cidades em direção ao Campus/Cidade Universitária e o que era suburbano passa a ser incorporado ao tecido urbano. O caso das “cidades universitárias” da USP, em São Paulo, e da Unicamp, em Campinas, demonstram este processo. No caso de uma das áreas de estudo, em Passau (Alemanha), a Universidade foi instalada em 1978 em uma área “fora do centro”. Com seu crescimento e a necessidade de promover habitação para estudantes e professores, bem como serviços de transporte e comércio, o campus passou não apenas a ser incorporado à cidade, mas atraiu o novo centro comercial e o terminal de ônibus urbanos e regionais para suas proximidades.

Esta relação entre localização central/urbana e suburbana/periférica das universidades propicia vários debates, desde aqueles voltados para o planejamento urbano até outros mais nacionalistas, que buscam uma discussão maniqueísta e um julgamento moral entre os vícios e virtudes da universidade com um campus “de modelo central/urbano europeu” ou “de modelo suburbano/segregado norte-americano”.

Claval (1998) também constrói uma série de ideias destacando a importância das universidades para as cidades: como centros de produção e consumo de atividades artísticas; através da divulgação científica em jornais locais; a contribuição ao desenvolvimento industrial e tecnológico; na diversificação da vida política, com a difusão de diferentes ideologias e ativismo social, uma vez que a concentração de jovens nas cidades universitárias cria um elemento que tensiona as posições políticas e inclusive pode incentivar transformações mais radicais nas estruturas políticas.

Continuando com Claval (1998), um dos fatores para a expansão das universidades nas cidades menores foi, também, um processo incentivado pelas próprias cidades, iniciando, inclusive, uma competição entre as mesmas para receber e manter a instituição, em razão da dinamização econômica e cultural, bem como de melhoria da qualificação do trabalho nessas cidades. Entretanto, segundo o autor (*op. cit.*), muitos destes esforços falharam ou foram mal sucedidos por não considerar as demandas por serviços, mobilidade e consumo da comunidade universitária. Além disso, a vida urbana nas cidades pequenas seria menos ativa e a atmosfera menos

agradável, e muitas esposas dos professores que gostariam de trabalhar não conseguiam empregos nestas cidades.

Não concordamos com todas estas indicações de Paul Claval em relação às cidades pequenas ou médias e às instituições novas, pois devemos superar uma correlação hierárquica e tradicional das estruturas universitárias. Comparar universidades antigas, como Oxford e Uppsala, com outras mais recentes que ainda buscam sua completa implantação e posterior consolidação, é uma falsa questão. Afirmar que a vida das cidades pequenas é menos ativa e prazerosa implica num julgamento de valor e moral sobre o que é a vida na cidade. É claro que estas ofertam menor variedade de opções ao consumo cultural “presencial” como cinemas, teatros, óperas e museus, mas atualmente pode-se acessar estes “bens ou produtos” virtualmente. O cotidiano e a vida na cidade pequena têm outra dinâmica, outro tempo, outra organização. Talvez o grau de urbanidade seja menor comparativamente à cidade grande (BAUMGARTNER, 2014), mas em compensação outros prazeres citadinos – o caminhar, a tranquilidade, as relações pessoais – também podem ser experiências agradáveis da vida urbana.

Ainda bem que hoje podemos encontrar grandes universidades em cidades médias e pequenas, bem como universidades pequenas em cidades grandes. A rede urbana e a rede de ensino superior romperam os padrões e determinações das redes urbanas clássicas, bem como as universidades podem romper com a hierarquia histórica.

3. As universidades como fatores de desenvolvimento urbano e econômico

Analisando as relações das universidades norte-americanas e o desenvolvimento urbano e econômico das cidades onde estão instaladas, Wiesel e Perry (2008) afirmam que essas relações nos EUA têm sido definidas tanto por aquilo que separa a universidade da cidade, expressa na ideia da universidade como “torre de marfim”, quanto pelos processos que as conectam. No âmbito do planejamento urbano, as universidades podem atuar, direta e indiretamente, no mercado imobiliário e contribuir para a avaliação e a

criação de políticas urbanas e práticas para o desenvolvimento urbano e regional. As universidades participam diretamente do mercado imobiliário através das demandas por novas áreas, vinculadas à expansão de seus campi, ou mesmo pela renovação de áreas no seu entorno. Indiretamente, a necessidade de moradia, transporte e serviços por parte da comunidade acadêmica (professores, estudantes e funcionários) aumentam a demanda por estes serviços, bem como por espaço. Wievel e Perry (2008) afirmam ainda que as universidades colocam as cidades/regiões em uma rede global, além de experimentarem um aumento, em escala, no seu papel educacional, político e econômico, através da expansão do número de estudantes e do desenvolvimento tecnológico.

Nas cidades onde se instalam, as universidades demandam diretamente espaço para suas atividades de ensino e pesquisa, bem como de moradia. Indiretamente, induzem, em função das especificidades e dos anseios de professores e estudantes, uma série de atividades de lazer, de comércios e serviços.

Segundo Haila (2008) existem duas visões predominantes nas opções pela localização dos campi universitários: como parte da cidade, mesclando professores e estudantes com o cotidiano da cidade; ou como um campus verde e suburbano, separando a comunidade universitária em uma espécie de mosteiro escolar, em muitos casos bem longe das cidades.

As universidades, além do impacto econômico direto (investimentos, pagamento de salários, compra de mercadorias), ajudam a melhorar a imagem da cidade perante as demais, atraindo empresas e/ou atividades vinculadas a congressos e feiras. Em Passau, por exemplo, muitos estudantes são empregados pelos comerciantes locais, trabalhando em bares, restaurantes e cafés em razão dos conhecimentos em inglês. Outros acabam ficando na cidade após a conclusão de seus cursos e, em muitos casos, abrem seus próprios negócios. As universidades e seus estudantes/professores mudam a “atmosfera” da cidade, além de disponibilizar várias de suas infraestruturas e facilidades, tais como auditórios para realização de encontros e convenções, ou para eventos culturais.

Instituições europeias fornecem diversos exemplos sobre seu processo de expansão e a relação com as cidades onde se localizam, uma vez que todas elas “nascem” no centro das cidades e neste momento de

diversificação se deparam com inúmeras dificuldades e/ou oportunidades, tendo que optar pela permanência no centro ou relocação para áreas mais periféricas. No caso da Universidade do Porto (UP), segundo Vázquez, Conceição e Alves (2008), um campus único no centro permitia que uma gama de relações fossem estabelecidas com a cidade, nas áreas de moradia, consumo, lazer, sociabilidade, emprego e mobilidade. Inúmeros pequenos comércios de capital familiar, hospedarias, bares, entre outros, foram se estabelecendo na proximidade da UP. Entretanto, quando uma instituição opta pela relocação total ou parcial de suas instalações, essas relações com os pequenos proprietários de comércios e serviços se quebram, pois na transferência para um campus mais afastado a preferência por franquias e grandes lojas e/ou prestadores de serviços (criação de *shopping-centers* ou galerias dentro dos campi) se torna uma prática comum. Como os pequenos comerciantes não possuem capital suficiente para mudar sua localização, muitos comércios e prestadores familiares de serviços fecham suas portas. O campus central da UP ajudou a construir uma estrutura social, econômica e simbólica no centro da cidade do Porto e, no momento de decadência econômica desta área, a universidade, que inclusive participou de vários estudos para sua reestruturação econômica e urbana, opta pela retirada do centro de faculdades inteiras, notadamente aquelas por onde passam maiores quantias de dinheiro, como a de Engenharia. Assim, sob o pretexto da necessidade dos cursos de terem mais espaço e instalações modernas para seus laboratórios, a Universidade cria um campus fora do centro e os cursos “pobres” ficam reduzidos a uma única localidade. Este processo de relocação da UP significou, entre 1995 e 1999, 75% de todo o investimento no município do Porto na construção de novos edifícios realizados pela UP. Este volume demonstra o poder das universidades no processo de produção do espaço urbano. Além disto, uma quantidade imensa de área construída no centro da cidade foi esvaziada pela universidade e muitas dessas construções permaneceram vazias (principalmente prédios que eram alugados pela Universidade e que se localizam em uma região patrimonial da cidade), dificultando novos usos e novas requalificações.

O campus suburbano/periférico também implica na produção de outra forma de vida urbana e outras formas de relação com a cidade. Muitas

vezes, o uso do centro é completamente abandonado pela comunidade universitária, que passa a realizar suas compras e busca por serviços, bem como moradia, também no subúrbio/periferia. E, mais uma vez, o centro perde uma função importante que dinamiza e movimenta o espaço.

Na escala regional, segundo Anacker e Altrock (2008, p. 40),

o papel das universidades como veículos para o desenvolvimento regional tem sido discutido intensamente sob o que se denominou terceiro setor: universidades são chamadas para cooperar com vários agentes e promover a transferência de tecnologia e inovação para diversos campos (...) o papel da universidade como um veículo para o desenvolvimento urbano (ou redesenvolvimento) é um tópico novo.

Os autores acrescentam ainda que, em grandes cidades, as universidades têm um impacto grande, mas localizado em um bairro ou setor da cidade, enquanto que em centros urbanos menores a universidade tem um impacto em toda a cidade e região, demandando outras estratégias de planejamento e gestão. No caso das universidades alemãs, estudadas por esses autores (*op.cit.*), um dado importante é que os estados transferiram para as universidades estaduais públicas a propriedade da terra e os edifícios por elas ocupados, buscando garantir autonomia financeira dessas instituições, que podem locar esses espaços. Nos EUA isto aconteceu no final do século XIX.

Entretanto, este desenvolvimento econômico não é suficiente para promover o desenvolvimento social e cultural e uma integração entre as universidades e as cidades/regiões onde estão instaladas. No caso específico de Passau, um dos grandes fatores econômicos da cidade e da região, a universidade possui relações conflituosas com a cidade e as formas de integração universidade-cidade não são instigadas/aprofundadas nas duas direções.

Nossa tese é que em cidades médias e pequenas onde se instalam campi universitários (em função das características do processo de produção do espaço na esfera destas cidades) existem ou coexistem duas cidades “diferentes” que não caminham completamente juntas: a cidade e a cidade da universidade.

Algumas vezes podemos encontrar comunicações entre estas cidades e, em outros momentos, conflitos espaciais e culturais, com a construção de cotidianos (velocidades, costumes, gostos, deslocamentos, interesses)

e identidades espaciais (que compõem a formação dos lugares) diferenciados entre os grupos dos moradores e da comunidade universitária. Em cidades pequenas e médias esta separação é muito mais evidente, em função do porte das mesmas, do que em cidades grandes, onde inclusive a constituição dos lugares ocorre em outras dimensões e várias cidades (em sentidos identitários/vividos) estão sobrepostas e acontecendo ao mesmo tempo: desta maneira, a “cidade universitária” se torna mais uma entre várias.

4. Notas metodológicas e resultados de pesquisas empíricas

A construção de um esboço metodológico para pesquisas que tratem da instalação de universidades como agentes dentro de um processo de desenvolvimento urbano e regional de cidades médias e pequenas foi um grande desafio de pesquisa, uma vez que se buscava um estudo sobre diversas cidades ao mesmo tempo, sem isso se configurar como um estudo comparativo. Desse modo, apresentamos a seguir a estruturação metodológica das pesquisas realizadas, mesclada com dados relativos aos estudos de caso. Salientamos que a divisão metodológica do trabalho em três esferas de análise – temporal, social e espacial – não se configurou como uma estrutura rígida, mas sim como um fio condutor dos levantamentos de dados/informações e das análises, que sempre procuraram integrar essas esferas.

Esfera temporal – antes e depois da universidade

Nesta esfera, efetuamos a coleta de dados disponibilizados pelas séries estatísticas oficiais da cidade e da região, tais como dados demográficos e econômicos, para tentar identificar o impacto da instalação da universidade na evolução da população e no comportamento do PIB (Produto Interno Bruto) ou da arrecadação de impostos. Também efetuamos um levantamento do material cartográfico – mapas, fotografias aéreas e imagens de satélite – disponível, com o intuito de mapear a influência da localização das instituições em processos espaciais urbanos, tais como atração de

novos empreendimentos residenciais e/ou comerciais, adensamento populacional, variação do valor de aluguéis e imóveis. Para a UniPassau, conseguimos um mapa de localização da moradia de estudantes no espaço urbano, por curso, permitindo inferir como o tipo de curso e o padrão de renda interferem na escolha ou possibilidade de moradia na cidade.

Recortes jornalísticos, banco de dados imagéticos e outros registros e representações sobre as relações da Universidade com a cidade também serviram de base para a compreensão dos processos inseridos ou acentuados pela presença dos professores e estudantes. Em ambos os casos, os resultados indicam uma forte expectativa da comunidade local com a chegada da instituição na mídia local e regional, inclusive com algumas reportagens indicando conflitos intrarregionais pela disputa da Universidade e/ou do Campus. Com o tempo a mídia local passa a noticiar apenas os problemas “trazidos” pela comunidade universitária, notadamente os vinculados ao barulho, às festas e drogas e ao aumento dos preços dos aluguéis. Nas duas cidades, como existem cursos de comunicação social, os próprios estudantes ou ex-estudantes acabam criando seus mecanismos de divulgação, como no caso da revista mensal Pasta!¹.

Também foram trabalhados dados em séries históricas sobre as universidades, tais como número de alunos, de professores e funcionários, orçamento e cursos. Como muitas instituições e/ou muitos campi são recentes, a coleta de dados anteriores à presença da universidade em uma determinada cidade e/ou região não implica em grandes séries temporais e, na maioria dos casos, estas informações são disponíveis e consistentes. Estas séries de dados temporais também possibilitam o cálculo dos investimentos diretos realizados pelas universidades ao longo dos anos. Os maiores aportes de recursos são em construção e salários. Em Passau, entre 1978 e 2009, os gastos diretos efetuados pela Universidade (UNIPASSAU, 2011) representaram 1,1 bilhão de euros, sendo que € 685 milhões foram em salários, € 141 milhões em despesas administrativas e € 125 milhões em construção.

Para o caso brasileiro, segundo Santana (2012), o gasto médio dos alunos da UFRB é de aproximadamente R\$ 500,00 mensais. Se multiplicarmos este valor médio pelo número de alunos matriculados (9.991, em 2010), temos um investimento direto da ordem de R\$ 4.995.500,00 mensais

nas cidades onde seus campi estão implantados. Estudos, ainda preliminares, indicam que apenas o Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL/UFRB) aplica, em salários líquidos (após descontos de impostos) de professores e funcionários, R\$ 5,3 milhões por ano. Ainda é necessária a definição de quanto desta base salarial fica em Cachoeira e região (para isto dependemos da liberação por parte da Universidade de uma base de dados com a cidade de moradia dos professores e funcionários). Ainda nessa cidade temos um aporte médio direto, por parte dos 1.078 alunos (2010.2), de R\$ 539.000,00 por mês ou R\$ 4,8 milhões por ano letivo (9 meses). O aporte destes dois grupos (empregados – professores e técnicos – e alunos) gira em torno de R\$ 10 milhões por ano.

Se considerarmos o conjunto de professores, e para fins ilustrativos adotamos como base a prerrogativa de que todos estão em início de carreira e possuem proventos básicos sem adicionais, temos um impacto potencial mensal de R\$ 2,9 milhões na economia dessas cidades. É claro que muitos não residem nas cidades e não fazem compras nestas, mas uma parte desse dinheiro fica em uma das quatro sedes da UFRB. Os funcionários técnico-administrativos, em salários médios, significam um aporte mensal de R\$ 894 mil nas cidades.

O outro volume importante de recursos aplicados diretamente pela UFRB está relacionando à construção e custeio dos campi, chegando a um valor inicial de R\$ 23,9 milhões, segundo Santana (2012). Além disso, o Programa Monumenta, do Ministério da Cultura, investiu aproximadamente R\$ 9 milhões na reforma do Quarteirão Leite Alves que abriga o Campus de Cachoeira.

Esfera Social – Grupos/Agentes envolvidos

Neste item buscamos identificar os agentes sociais relevantes envolvidos direta e indiretamente com o processo de instalação da Universidade e/ou Campus em uma cidade. O principal foco são os aspectos qualitativos das relações que se estabelecem entre os grupos locais/regionais e a comunidade universitária, uma vez que nossos estudos indicam uma forte dissociação entre o conjunto destes dois grupos distintos, que tendem a criar, no plano do cotidiano, uma separação entre a “cidade” da

Universidade e a cidade da “população local”, com vários tipos de conflitos e preconceitos sendo alimentados por ambos. Entre os grupos estudados na pesquisa indicamos:

- a) A população da cidade onde se localiza a instituição, bem como das cidades de sua área de influência regional que não possuem relações com a Universidade. Para este grupo, além das perguntas que destacaremos abaixo, solicitamos o preenchimento de informações referentes a: idade, renda, formação, emprego, local de moradia;
- b) A população local e regional que tem relação direta com a Universidade, tais como proprietários de imóveis alugados para estudantes e professores, pais de alunos, ex-estudantes, entre outros. Além das perguntas qualitativas, os dados referentes a idade, renda, formação, emprego e local de moradia também podem trazer informações relevantes;
- c) A comunidade universitária empregada: professores e funcionários. A origem destas pessoas é um fator fundamental para a compreensão do poder de atração da instituição, bem como o local de moradia (se próprio ou alugado). Os dados relacionados a idade, renda, formação e padrão de consumo contribuem para entender o impacto econômico direto deste grupo na cidade e/ou na região;
- d) Os estudantes da Universidade, fazendo uma checagem da origem deste grupo, se são da própria cidade, da região ou de outros locais mais distantes. É significativo o levantamento de dados quantitativos referentes aos gastos de manutenção durante o curso bem como idade, renda, curso e local de moradia;
- e) Governantes municipais e regionais;
- f) Empresas/Indústrias que se instalaram na cidade e/ou região em função da Universidade, e que demandem inovação tecnológica e/ou mão de obra da instituição;
- g) Comerciantes/prestadores de serviços com relações diretas e/ou indiretas com as funções da universidade, tais como proprietários de centros de fotocópias, cafés, restaurantes, livrarias e bares, entre outros.

Com a definição dos agentes e/ou grupos envolvidos nas relações entre a universidade e a cidade/região busca-se o entendimento das relações

cotidianas que são estabelecidas, para compreender o papel econômico ou delimitar territorialidades constituídas pela comunidade universitária em oposição àquelas criadas pela população local, em um contexto no qual cada um vê a si mesmo e ao outro dentro da lógica dos *outsiders* e *insiders*, atentando-se no entanto para o fato de que as territorialidades constituídas cotidianamente no(s) lugar(es) pelos diversos grupos vão além da simples delimitação *insider/outsider*.

Elaboramos também um padrão de questionamentos iniciais, salientando que a coleta de dados diretos com estes grupos/agentes varia entre os aspectos quantitativos até aqueles mais qualitativos, indicados pelos objetivos específicos de cada pesquisa. Por exemplo, na pesquisa sobre a Universidade de Passau e a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia trabalhamos com uma divisão igualitária entre a coleta de informações qualitativas e quantitativas, pois se trata de um estudo geral. Para aqueles mais específicos recomenda-se a análise das vantagens e desvantagens de cada grupo de dados, que podem se desdobrar em outros. Entre as questões padronizadas, destacamos: de onde eles (os diversos agentes – professores, estudantes, comerciantes, políticos) são? Onde eles vivem? Onde eles compram? Quanto recebem e quanto gastam? Onde buscam lazer? Por que (professor, estudante e funcionário) escolheu a Universidade ou a cidade para morar/trabalhar? Como os dirigentes da Universidade pretendem atrair estudantes? Como (governantes/comerciantes/associações industriais) podem atrair estudantes para a Cidade? O que a Universidade oferece para a empresa/indústria? Quais os tipos de relação entre empresas/indústrias e as Universidades no âmbito financeiro (financiamento de pesquisas) e do trabalho? Quais as relações entre a Universidade (setores administrativos da Universidade, professores e estudantes) e os setores administrativos e políticos municipais e regionais e vice-versa?

Esfera espacial - urbana e regional

Para os estudos específicos sobre o espaço, em suas múltiplas dimensões, partimos de duas escalas principais – a urbana e a regional. Isto não significa que as outras não sejam estudadas ou importantes, apenas tomamos estas como ponto de partida, para que posteriormente possamos

abarcam o processo em escalas maiores, como a nacional e mesmo a mundial, afinal uma das grandes intervenções das universidades na produção do espaço urbano e regional é a aproximação destas escalas com o Mundo, por meio do fluxo de conhecimentos, inovações, intercâmbios, linguagens, representações e deslocamentos. Não há dúvidas de que todas as universidades trazem o Mundo em suas relações com o Lugar e com o local.

Nos estudos na escala urbana (salientamos que a esfera temporal – antes e depois da Universidade – é aplicável) buscamos compreender as razões que levaram à opção pela instalação da Universidade/do Campus naquela cidade e em determinado local (centro, bairro, bairro ou área fora do perímetro urbano).

Observamos que as relações espaciais que se estabelecem entre a população local e a comunidade acadêmica são, em muitos casos, conflituosas e instigadas, notadamente, pelos estilos de vida dissonantes, quer seja pelo padrão de consumo dos professores, pelas festas estudantis ou pelas crenças políticas da população local. Esta questão torna-se um elemento central no processo de consolidação da Universidade/do Campus na cidade. Nas cidades pequenas e médias constatamos um forte distanciamento entre a cidade e a universidade, mesmo que espacialmente ele não seja considerável, pois os grupos tendem a vivenciar espaços quase que pré-definidos pelo tipo/origem de usuário, “evitando” os encontros entre os diferentes – grupos de moradores e acadêmicos.

Portanto, a cidade da universidade e a cidade da população local tendem a construir tanto morfologias urbanas quanto cotidianos distintos. Algumas vezes essas duas cidades coexistem de maneira harmoniosa e em outras com sérios conflitos espaciais, culturais, econômicos, políticos e sociais. Para detalhar estes processos internos à cidade, foram necessárias observações de campo, entrevistas, questionários e outros levantamentos diretos na cidade, nesta esfera estudamos:

- A morfologia espacial (localização, preço, disponibilidade) relacionada à moradia, ao uso e ao preço do solo urbano, à tipologia das construções (horizontal/vertical, densidade, expansão, infraestrutura, tecnologias e técnicas, *design*, padrões, modelos), através de mapas, imagens de satélite, fotos aéreas e fotos da cidade, das casas,

do comércio, das ruas, do local de instalação do campus, buscando construir uma série histórica.

- A política através dos movimentos sociais (diretamente envolvidos com a Universidade ou apoiados por ela); políticas e políticos locais (originários da comunidade universitária).
- O cotidiano, tanto em relação à cultura (festivais, festas, filmes, peças), contatos multiculturais e internacionais, sensações de tempo (aceleração), quanto em relação aos aspectos de relações de vizinhança, urbanidade e ruralidade, usos e apropriações do espaço público. Na escala do cotidiano, como as relações entre a população local e a universidade (preconceitos, aceitação; positivos e negativos) se materializam.
- A economia vinculada às empresas, ao comércio e aos serviços diretamente envolvidos com a universidade (copiadoras, livrarias, hospedagens, tecnologia) e, indiretamente, tais como: cafés, restaurantes, bares, clubes, academias, shows, teatros. Os dados da Universidade, tais como número de estudantes, professores, funcionários, cursos, orçamentos, projetos de cooperação, patentes e impacto social e acadêmico, em séries históricas, também ajudam a compreender o impacto econômico direto e indireto do campus. Dados sobre a Cidade/o Município/a Região, tais como população, perfil econômico, PIB detalhado, orçamentos, em séries históricas, também são relevantes.

Para os estudos na escala regional, onde a esfera temporal aplicada predominantemente é posterior à instalação da universidade, a principal pergunta a ser respondida é em relação ao raio de atração da Instituição. Para essa questão, primeiramente devem ser levantados os dados de origem e destino dos estudantes, professores e empregados, bem como da origem e destino das empresas, comércios e serviços vinculados a universidades, dentro da escala regional.

Com a implantação dos quatro campi de ensino presencial no Recôncavo da Bahia, existe uma tendência de aumento demográfico nas cidades, bem como das viagens diárias em direção a estas cidades, visto que grande parte dos estudantes e professores universitários é oriunda de Salvador e de outras cidades próximas aos campi e polos. Segundo Santana

(2012), a UFRB, em 2010, tinha 9.991 alunos matriculados e, de acordo com sua origem, 30% eram de Salvador ou Feira de Santana; 26% eram das cidades sedes dos campi; 23% eram de outras cidades da Bahia; 15% eram de outras cidades do Recôncavo; e 5% eram originários de outros estados brasileiros.

Para compreender os processos regionais desencadeados ou intensificados pela presença de uma Universidade, outros questionamentos se fazem necessários: O que (exemplo: compras, lazer, investimentos) a comunidade universitária (de outras cidades) faz na cidade-sede e na cidade de origem? Quais tipos de movimentação eles fazem diária, semanal ou mensalmente? Como as pessoas e os governos municipais (sem relações com a Universidade e a cidade) veem a cidade da Universidade e a Universidade? Que tipo de cooperação existe ou poderia existir entre as cidades e a Universidade na escala regional? Por que uma empresa/ indústria que tem relação direta com a Universidade não se instalou no município da Universidade, mas em outro (em casos específicos)?

5. Considerações finais

A implantação de campus universitário para desenvolvimento econômico de cidades e regiões depreciadas financeiramente esbarra em um problema comum. Como estas instituições chegam a cidades sem grande diversificação econômica, de trabalho, ofertas de crédito e sem capital local acumulado, a população local, que poderia abrir negócios (serviços e comércios) para atender as demandas decorrentes da presença da nova universidade, não recebe os dividendos do impacto econômico direto do campus. Por não disporem de recursos financeiros ou mesmo de conhecimento para usufruir das “benesses econômicas” trazidas pela Instituição, permanecem em situação econômica desfavorável, e em alguns momentos observam uma deterioração do padrão de vida, uma vez que a chegada de pessoal mais qualificado e com maior renda implica em um aumento do custo de vida, através do aumento dos custos de moradia e alimentação. Assim, os novos comércios e serviços que suprem a demanda das universidades são fornecidos por empresas de fora ou por pessoas originárias

de outras localidades e que abrem seus negócios na cidade, contratando a população local por baixos salários.

Reforçamos que o aspecto econômico é o foco central desse trabalho, uma vez que as universidades também têm, como justificativa de criação/ instalação, a promoção do desenvolvimento econômico urbano e regional, conforme observados nos documentos de criação dessas instituições. Isto não significa que os aspectos educacionais não estejam presentes ou não sejam importantes, mesmo em instituições com forte vinculação a economia regionais, com a presença de cursos voltados para impulsionar o desenvolvimento econômico das mesmas, tais como cursos voltados para a área agrícola, em regiões notadamente rurais.

Assim, nestas cidades, as universidades, além de contribuírem para o desenvolvimento educacional e cultural, acabam por se constituir como grandes agentes econômicos e políticos e, conseqüentemente, com participação ativa no processo de produção do espaço urbano. Em cidades médias e pequenas, muitas universidades são os maiores empregadores locais e possuem orçamentos maiores que do próprio município.

Em relação aos estudos de caso específicos, notamos que, na cidade alemã, a maior dificuldade está na integração entre a população local e a comunidade universitária, o que acaba por criar duas cidades sobrepostas, mas que não possuem maiores vínculos cotidianos.

Já no Brasil, o maior desafio urbano na expansão do Sistema Federal de Ensino Superior é a necessidade de se considerar as implicações decorrentes da inserção de formas novas ou renovadas em um determinado espaço. As características da estrutura urbana e da morfologia das cidades não podem ser esquecidas, bem como os anseios, necessidades e esperanças de suas populações, nas atividades específicas que aí se desenvolvem.

Nota

¹ <http://www.pastaonline.de>

Referências

ANACKER, Katrin B.; ALTROCK, Uwe. From conversion to cash cow? The University of Lüneburg, Germany. In: WIEWEL, Wim; PERRY, David C. (eds.). **Global universities and urban development**. Case studies and analysis. Cambridge: Lincoln Institute/M.E.Sharpe, 2008. p. 40-56.

BAUMGARTNER, Wendel Henrique. Small city and new University. Perspectives and conflicts after the establishment of new public Brazilian universities in small cities. In: **At the frontiers of urban space**, Avignon, janeiro 2014. Collection: Actes Avignon - Conference Proceedings: At the frontiers of Urban Space, Avignon, 2014. p. 713-729.

BENDER, Thomas. Scholarship, local life, and the necessity of worldliness. In: WUSTEN, Herman van der (ed.). **The urban university and its identity**. Roots, locations, roles. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1998. p. 17-28.

CLAVAL, Paul. Politics and the university. In: WUSTEN, Herman van der (ed.). **The urban university and its identity**. Roots, locations, roles. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1998. p. 29-46.

GREENSTEIN, Rosalind. Foreword. In: PERRY, David C.; WIEWEL, Wim (eds.). **The university as urban developer**. Case studies and analysis. Cambridge/London: Lincoln Institute of Land Policy/M.E.Sharpe, 2005. p. xi-xii.

HAILA, Anne. The University of Helsinki as a Developer. In: WIEWEL, Wim; PERRY, David C. (eds.). **Global Universities and Urban Development**. Case studies and analysis. Cambridge: Lincoln Institute/M.E.Sharpe, 2008. p. 27-39.

SANTANA, Elissandro Trindade de. **A Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e a Produção do Espaço Urbano-Regional**. 2012. 97f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 18/06/2012.

UNIPASSAU (Universität Passau). **Die Universität Passau**: Ein regionaler Wirtschaftsfaktor. (Coordenado por MOOSMÜLLER, Gertrud, publicado em 12/01/2011). Disponível em: http://www.cfm.unipassau.de/fileadmin/user_upload/Wertschoepfungsanalyse_Universitaet_Passau__Zusammenfassung_Version_Homepage.pdf. Acesso em 07/02/2011.

VÁZQUEZ, Isabel Breda; CONCEIÇÃO, Paulo; ALVES, Sónia. The University of Porto and the process of urban change. An ambiguous relationship. In: WIEWEL, Wim; PERRY, David C. (eds.). **Global Universities and Urban Development**. Case studies and analysis. Cambridge: Lincoln Institute/M.E.Sharpe, 2008. p. 226-254.

WIEWEL, Wim; PERRY, David C. (eds.). **Global Universities and Urban Development**. Case studies and analysis. Cambridge: Lincoln Institute/ M.E.Sharpe, 2008. 338p.

WUSTEN, Herman van der. A warehouse of precious goods. The university in its urban context. In: WUSTEN, Herman van der (ed.). **The urban university and its identity**. Roots, locations, roles. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1998. p. 1-13.

Recebido em: 28/08/2014

Aceito em: 14/10/2014

